

Reflexão na teoria Inflexão na prática

Arsélio Martins, *formando*
José Miguel Sousa, *formador*

Dezembro de 2002

A ideia

J. M. Sousa escreveu:

” A melhor forma de aprender qualquer coisa é descobrindo-a por si próprio.
Deixa-os aprender adivinhando.
Deixa-os aprender provando.
Não reveles todo o teu segredo de uma vez.
Deixa-os adivinhar antes de o revelares.
Deixa-os descobrir por si próprios tanto quanto seja possível!”
George Polya ¹

A lógica da formação na modalidade de Círculo de Estudos (e penso que em qualquer modalidade de formação de adultos) pressupõe que, no final da formação, cada um dos participantes elabore uma reflexão crítica individual. Assim, num texto livre (entre uma a duas páginas A4) elabore uma reflexão crítica individual que deverá focar, entre outros, os seguintes aspectos:

- Até que ponto este Círculo de Estudos sobre História da Matemática fortaleceu a sua autoconfiança; consolidou o espírito de grupo; a capacidade para interagir socialmente e para praticar a interdisciplinaridade; fomentou a pesquisa e o trabalho colectivos;
- Que impacto terá esta formação, sobre História da Matemática, na sua actividade como docente. Os resultados alcançados e as implicações para a mudança das suas práticas profissionais e/ou o seu desenvolvimento profissional.

Note que, na reflexão também deverá constar a apreciação do seu trabalho, da sua participação nos momentos de chat e dos trabalhos efectuados (publicados ou não).

Observação: Esta reflexão individual deverá ser publicada, na zona de trabalhos, impreterivelmente, até ao dia 31 de Dezembro de 2002.

¹Polya, G. – *How to Solve It*, 2ª Ed., Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1985.

1

Raras vezes me senti tão perto de ser imolado no cúbico altar que eu próprio construí para o meu sacrifício. Pior foi quando descobri que não sabia como duplicá-lo com os raros instrumentos da minha sabedoria, sabendo que se o pudesse duplicar podia caber nele para que o sacrifício não fosse tão público quanto indecente.

Os professores são tão afirmativos na sua relação pública que não podem suportar facilmente as suas dúvidas e as suas falhas. Para ser pertinente, a formação deve denunciar sempre uma falha; para ser útil deve ser o princípio de uma reparação da falha; para ser verdadeira, não deve ser mais do que o princípio e deixar reconhecimento de que o resto ao formando pertence.

Este círculo de estudos foi assim: perturbador!

1.1 Da pertinência

Embora tenha sido vivido, dentro do círculo, sujeito a grandes dispersões (e até depressões .-?), a história de problemas concretos, o que podia saber deles e o que podia fazer com eles fez-me realizar alguns trabalhos (e leituras) que me deram a medida da minha ignorância. É verdade que já tinha lido muitos textos genéricos sobre história da matemática e tinha sido empurrado para considerar que a história da matemática é absolutamente necessária à formação dos professores e é fundamental para o ensino e para a aquisição, pelos estudantes, dos conceitos com profundidade ou pelo menos com mais do que uma dimensão.

A outra falha descoberta na minha armadura de professor presunçoso tem a ver com a minha incapacidade para realizar facilmente as construções mais ou menos dinâmicas que me apareciam a pedir tecnologia. Experimentei muito e o caixote do lixo(que um computador pessoal sempre é) encheu-se com as minhas tentativas frustradas. As tentativas frustradas não são frustrantes, devo dizê-lo para que ninguém chore por mim antes do tempo.

1.2 Da utilidade e da verdade

Não posso deixar de esclarecer que neste círculo estudei assuntos dos quais não tinha, até ao momento circular, mais que a vanglória de com eles ter travado conhecimento de circunstância. Dei-lhes outro valor e passei a conhecê-los melhor por ter jogado com

eles, ter perdido, ter ganho alguns pontos para os perder a seguir. Conversei com eles de forma um pouco mais profunda: sobre o seu tempo, sobre as suas ferramentas, sobre a minha perplexidade. Quem me dera que nos tenhamos tornado amigos! Muitas vezes me tem acontecido que, apesar de ter travado conhecimento e até ter construído uma relação forte com alguns assuntos, outros vêm impostos pelo quotidiano que me afastam do que gostei. Fico sem amigos e é a generalidade que me guia. Nunca aprofundo as ligações com um assunto, perco-me a tentar dar-lhe um lugar no mundo das ideias em que me movo. As minhas reflexões e os trabalhos apresentados ao círculo reflectem esta forma de estar. Nunca saberei o tamanho do meu erro por defeito sobre a especialização ou o tamanho da minha virtude didáctica genérica.

Para onde irei com o que aprendi agora? O que é verdade é que não me posso queixar: os assuntos foram-me apresentados com alguma profundidade, eu achei-os interessantes, trocaram-se e eu recebi muitos endereços, provas de amizade e até algumas formas de, querendo!, frequentar o círculo privado dos nobres problemas gregos.

2

Parece-me que, sendo eu um professor, já alterei o meu ponto de vista sobre a prática da história da matemática no ensino. Posso esclarecer: até agora, só aguentei e fui até à defesa do ensino da matemática culturalmente comprometido e com história própria; a partir de agora posso pensar o ensino ou uma parte dele como uma história que desemboca nos modernos conceitos, ferramentas, técnicas e linguagens actuais. Resta-me estudar mais profundamente o que aflorei e me foi entregue pelo correio circular e afinar o método para um novo plano de vida. Haverá inflexão nas práticas lectivas. O futuro dirá que não funciona ou que funciona. Para já, é só experimentar a tempestade e, se for caso disso, apanhar os cacos e recomeçar.

2.1 Finalmente...

Obrigado José Miguel, pela paciência, pela persistência, pela dedicação. Eu sei que é muito difícil trabalhar com deficientes que não reconhecem a sua dificuldade. O problema é que continuarei a precisar de ajuda. ■

Arsélio Martins